

BH 100 + 1 Episódio 2: Gropius no país dos antropófagos: um relato brasileiro

[ANFITRIÃ] É junho de 2020 e o Brasil está na moda! Hummm, Aqueles que se sintonizarem neste podcast estarão pensando... é verdade que, em meio à pandemia, o Colosso do Sul e seu presidente controverso são notícia todos os dias, mas também são os protestos

anti-racismo nos Estados Unidos, ou o retorno das ligas europeias de futebol após o confinamento, ou não? Agora eu me pergunto, algum dia o Brasil deixou de estar na moda? Todos os anos, o temos presente, seja por um evento esportivo, um ritmo chiclete ou por uma manifestação social de grandes proporções. E acima tudo, o Brasil sempre foi um dos epicentros da produção cultural Latino-americana, com grandes cineastas, artistas plásticos e músicos, entre outras coisas.

[MÚSICA SAMBA]

[ANFITRIÃ] Fechar os olhos e ouvir um samba é se transportar para uma praia do Rio de Janeiro, talvez Copacabana, e sentir a brisa do mar em sua pele. Exatamente em 2020, o Rio foi declarada como a Capital Mundial da Arquitetura, e por isso digo que está na moda. É uma homenagem merecida a uma cidade que inspirou moradores e estrangeiros com sua geografia exuberante, incluindo um dos grandes arquitetos do século XX: Oscar Niemeyer. Mas hoje não vou começar falando sobre o Brasil tropical que assombra nosso imaginário, mas outro, industrial e intelectual, de uma cidade um pouco mais cinza, mas igualmente sedutora: São Paulo.

[SOM DE TRÁFEGO DA CIDADE]

[ANFITRIÃ] Eu sou sua anfitriã, Ingrid Quintana e no segundo episódio de nossa BH 100 + 1, apresentamos uma história brasileira intitulada “Gropius no país dos antropófagos”. Sejam bem vindos!

[MÚSICA DE CORTINA]

[ANFITRIÃ] BH100 + 1: Histórias da Bauhaus e da América Latina.

O protagonista da história de hoje é nada mais nada menos que o arquiteto alemão Walter Gropius, fundador da escola Bauhaus, ali em abril de 1919, há 101 anos.

E ... o que é isso sobre a Bauhaus? Deixe o próprio Gropius nos explicar:

[ARQUIVO DE ÁUDIO GROPIUS EM INGLÊS]

[DUBLAGEM DE GROPIUS EM ESPANHOL] O principal da Bauhaus é a tentativa de encontrar uma abordagem objetiva às ferramentas de um designer e artista. [...]

Como professores, não devemos educar pequenas versões de nós mesmos; devemos encontrar meios objetivos para fazê-lo. Então, passo a passo, com a ajuda de todas aquelas pessoas na Bauhaus, alcançamos uma abordagem objetiva; encontramos na arte do design as ferramentas que devemos dar ao artista e que devem ser desenvolvidas em uma escola como essa. Para lhe dar uma breve imagem do que isso

significa, quando criamos um edifício, uma sala como esta, ou a sala em que alguém pode estar sentado nos ouvindo agora, acho que é possível alterar a aparência da sala, por exemplo: quando o teto é pintado de preto fosco, ele desce; Quando você tem uma cor agressiva como vermelho ou amarelo brilhante na parede, ela se aproxima de você; e quando é de cor escura se afasta [...]. O artista tem muitos recursos, muitas ilusões de ótica para alterar a realidade e este é um método de ensino calculado através de muitos detalhes ...

[ANFITRIÃ] Mesmo além de sua arquitetura, o legado de Gropius se reflete em seu trabalho pedagógico e visão holística das artes, com predominância do visual. Desde 1937, e após o fechamento da Bauhaus há alguns anos, como presidente do Departamento de Arquitetura de Harvard e, paralelamente, desenvolveu um grande número de obras arquitetônicas em toda a América do Norte, o que lhe permitiu ganhar notoriedade em todo o continente e estabelecer uma rede de contatos na América Latina. Em 1954, aos 72 anos, ele já havia visitado vários países da região e formulado propostas ao longo de nosso território. Então ele foi notificado de que, em São Paulo, a metrópole que estava se preparando para a celebração do seu quarto centenário, preparava uma homenagem a sua trajetória.

Lembre-se de que, desde a década de 1920, a capital paulista era palco de importantes movimentos artísticos e literários que protestavam contra a hegemonia europeia nas artes e exigiam um diálogo de iguais com seus colegas do outro lado do Atlântico.

[VOZ EM PORTUGUÊS] A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura – ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor cotidiano e o modusvivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. O propósito terreno.

[ANFITRIÃ] Essas palavras correspondem ao Manifesto Antropofágico, publicado pelo escritor paulista Oswald de Andrade em 1928. Esse texto ditava o curso da produção intelectual brasileira: uma produção própria que, como um homem antropófago, devora o legado cultural europeu para regurgitá-lo em uma expressão tipicamente brasileira. Essa ideia de contra-influência, se podemos chamá-la assim, já era tácitamente implícita nas obras apresentadas na Semana de Arte Moderna, em São Paulo em 1922, com a participação de figuras de grande lembrança hoje, como a pintora Anita Malfatti, o compositor Heitor Vila-Lobos ou o próprio De Andrade.

[MÚSICA BOSSANOVA]

[ANFITRIÃ] Quase três décadas depois, em 1951, foi inaugurada a Bienal de Arte de São Paulo, que até hoje ainda é um dos mais importantes reuniões artísticos do mundo. A exposição foi organizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, MAM, sob a direção de Ciccilio Matarazzo, mecenas de origem italiana e membro de uma das famílias mais poderosas do setor industrial. Embora a versão inaugural tenha sido realizada em uma estrutura temporária instalada no Parque Trianón, o museu fazia parte de um

projeto que vinha cozinhando há anos, o parque do Ibirapuera, com o qual se pretendia dotar com 158 hectares de verde a cidade, que rapidamente havia sido povoada por chaminés industriais e altos arranha-céus de concreto.

O parque foi planejado por uma equipe de profissionais liderados por Oscar Niemeyer, a grande estrela da arquitetura do Rio de Janeiro, que desde muito jovem já havia sido consagrado no âmbito internacional pela realização de um conjunto de obras que inclui várias intervenções na Pampulha, em Belo Horizonte e na sede Ministério da Educação e Saúde do Rio de Janeiro, em coautoria com seus professores: o arquiteto local Lucio Costa e o franco-suíço Le Corbusier. Em maior ou menor grau, todos os trabalhos de Niemeyer apelavam à maleabilidade do concreto, dando-lhe as formas curvas que o obcecavam tanto, as mesmas que décadas mais tarde seriam declamadas por um poema:

[ARQUIVO DE ÁUDIO DE NIEMEYER EM PORTUGUÊS] Não é o angulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual. A curva que encontro nas montanhas do meu país, no curso sinuoso dos seus rios, nas nuvens do céu, no corpo da mulher amada. De curvas é feito todo o Universo. O Universo curvo de Einstein.

[ANFITRIÃ] Em São Paulo, Niemeyer projetou pavilhões e outros equipamentos eventos culturais e esportivos do Ibirapuera, que sediariam as comemorações do quarto centenário da capital financeira do Brasil. Com as colossais estruturas de concreto, exibindo o poder industrial de São Paulo. A festa começou um ano antes do 400º aniversário, com a inauguração da segunda Bienal de Arte, agora instalada no Pavilhão das Nações, também projetado por Niemeyer. Entre as principais atrações desta edição foi a exposição de Guernica de Picasso, a inclusão de uma seção de arquitetura e a concessão de um prêmio que aspirava a altura de um nobel: o prêmio São Paulo de arquitetura. A encenação de pinturas, esculturas e peças arquitetônicas atingiram o mais alto dos ideais da Bauhaus: o da integração das diferentes artes através dos mecanismos de reprodução de tempos modernos.

No discurso inaugural da Bienal, o secretário do MAM, o arquiteto Salvador Cândia, anunciava ao primeiro vencedor do reconhecimento arquitetônico:

[DUBLAGEM DE SALVADOR CANDIA] É significativo que, dentro da exposição, a maior atração é uma das figuras mais nobres da arte contemporânea: Walter Gropius. Seu trabalho é um exemplo de artista, professor e homem e sintetiza a renovação plástica, a integração artística e a sensação de liberdade que anima o homem de hoje. São Paulo tem orgulho de receber Walter Gropius.

[ANFITRIÃ] Gropius tinha uma sala dedicada exclusivamente a todos os seus trabalhos preparados em Boston, embora ele não tenha sido o único mestre da Bauhaus que participou da exposição: obras de Mies van der Rohe, o terceiro e último diretor da escola e quem, em 1953 já era reconhecido como um dos mais relevantes arquitetos do século. Marcel Breuer, aluno favorito de Gropius, e seu sócio durante os primeiros anos em que

ambos se exilaram nos Estados Unidos, também se inscreveu em trabalhos em coautoria com seu mentor.

Na seção de pintura, representando a Alemanha, foram exibidas pinturas do suíço Paul Klee, que foi um dos professores mais importantes da Bauhaus. E na delegação holandesa estava Piet Mondrian, que nunca esteve diretamente ligado à escola Alemã, embora tenha exercido uma influência significativa nos alunos com sua arte abstrata.

[MÚSICA CLÁSSICA]

[ANFITRIÃ] Apesar de ter amigos nesta cidade como o arquiteto Oswaldo Bratke e a ilustradora Marta Erps, Gropius e sua esposa Ise viajaram pela primeira vez à capital de São Paulo, em 3 de janeiro de 1954. Ali também chegaram os membros internacionais do júri, profissionais que, como Gropius, faziam parte de um sistema estelar da arquitetura moderna e, portanto, eles foram capazes de entender o significado da obra alemã: eram o finlandês Alvar Aalto, o italiano Ernesto Rogers e o catalão José Luis Sert, que acabara de substituir Gropius como diretor em Harvard. Este último também foi nomeado membro honorário do Instituto Brasileiro de Arquitetos e um dos principais oradores do IV Congresso de Arquitetos Brasileiros, que acontecia em paralelo. A palestra inaugural foi chamada “O arquiteto na sociedade industrial”, e intuiu-se que a atribuição do prêmio fosse uma estratégia de alguns setores paulistas interessados em promover tanto o avanço da indústria da construção como uma imagem da arquitetura local, diferenciada da midiaticizada obra dos arquitetos do Rio:

[DUBLAGEM DE GROPIUS EM ESPANHOL] As formas padronizadas da arquitetura do passado expressam uma mistura de técnica e imaginação, ou melhor, uma coincidência de ambos [...] O arquiteto do futuro é obrigado a abordar novamente a produção de construção. [...] A missão histórica do arquiteto sempre foi alcançar a coordenação completa de todos os esforços para elevar o ambiente físico do homem; o arquiteto terá que treinar a próxima geração de acordo com os novos métodos da produção industrial, em vez de se restringir ao trabalho platônico e isolado da criação na prancheta. [...] Eles [os jovens arquitetos] vão começar perder a confiança no caráter tutelar de nosso senso profissional e seu resultado lógico: o arquiteto auto-nomeado prima-dona.

[ANFITRIÃ] O discurso de Gropius foi sem dúvida um alerta para um sindicato que reconhecia o atraso da construção brasileira em questões como a pré-fabricação de elementos de construção e a produção serializada de moradias sociais. O alemão investigou essas questões desde seus anos na Bauhaus e conseguiu materializá-las juntamente com seus parceiros na empresa americana The Architects Collaborative. Suas críticas, consignadas na imprensa local, também abordaram a falta de planejamento no desenvolvimento urbano de São Paulo. Não deveria ter sido confortável para ninguém que um hóspede ilustre o tenha apontado, muito menos quando, no cenário brasileiro da arquitetura, havia uma forte convicção de sua condição revolucionária. As formas ousadas projetadas por Niemeyer no Rio ecoaram em todo o país como um produto dessa antropofagia característica da arte nacional, alimentada entre outras por Le Corbusier, considerado por muitos como o pai da arquitetura moderna.

[DUBLAGEM DA VOZ DE LE CORBUSIER] No Rio de Janeiro, uma cidade que parece desafiar radiantemente toda a colaboração humana com sua beleza universalmente proclamada, somos atacados por um desejo violento, que sabe se louco, de tentar aqui também uma aventura humana [...]. Nós, os de Paris, somos essencialmente dedicados à abstração, criadores de motores de corrida, possuídos pelo equilíbrio.

Você está na América do Sul, em um continente velho e jovem; vocês são pessoas jovens de raças antigas. Seu destino acontece agora. Você vai agir sob o destino do trabalho duro? Não, eu quero que vocês ajam como latinos que sabem ordenar, apreciar, medir, julgar e sorrir.

[ANFITRIÃ] O extrato anterior corresponde ao "Corolário Brasileiro", publicado por Le Corbusier in Precisiones, um livro que ele publicou em 1930 após sua primeira viagem à América Latina, com uma visita a São Paulo e Rio que foi reveladora por seu trabalho plástico. Até então, as pesquisas de Gropius e Le Corbusier em tópicos como a padronização de construção e moradia mínima foram um cavalo de batalha comum durante sua participação nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna. No entanto, o Franco-Suíço nunca renunciou à dimensão autoral da arquitetura, nem à exploração formal permanente. Essa tendência ficou mais forte e mais distante da trajetória de Gropius. As seguintes visitas de Le Corbusier ao Brasil, em 1936, pelo contrato do ministério do Rio, e 1962, convidado a acompanhar o andamento da execução de Brasília, o aproximaram ainda mais a Niemeyer, endossando sua produção no cenário internacional. Paradoxalmente, Le Corbusier não foi a São Paulo em 1954, apesar de fazer parte do júri do primeiro prêmio de arquitetura.

Vamos voltar lá, para a Bienal e para Gropius, que não se conteve em elogiar Niemeyer e seus pavilhões do Ibirapuera. A curiosidade do fundador da Bauhaus foi ainda maior em direção a um dos parceiros mais constantes do carioca, o artista plástico e paisagista Roberto Burle Marx, famoso por dar vida aos jardins do Flamengo e ao gigantesco calçadão de Copacabana.

[MÚSICA BOSSANOVA]

[ANFITRIÃ] O trabalho de síntese artística realizado pela equipe do Ministério da Educação e Saúde do Rio, com mosaicos de Cândido Portinari e jardins de Burle Marx, encaixavam-se nos ideais de cooperação artística que mobilizaram a fundação do Bauhaus. Portanto, não é estranho que Gropius e o paisagista tenham confraternizado rapidamente em São Paulo. Em seguida, viajaram para o Rio e Petrópolis, cidades onde visitaram jardins e obras importantes da arquitetura contemporânea de caráter público. O alemão comemorou que os brasileiros adotaram a linguagem moderna como a insígnia de sua arquitetura estatal. O clímax da visita foi a residência particular que Niemeyer havia construído há três anos na Estrada das Canoas: uma casa incrustada em uma rocha e coberto por uma sinuosa folha de concreto branco flutuando sobre o vidro. Mas deixemos o próprio Niemeyer narrar os detalhes da visita:

[ARQUIVO DE ÁUDIO DE NIEMEYER PORTUGUÊS]

[DUBLAGEM DE NIEMEYER EM ESPANHOL] Quando a casa estava pronta, um dia Gropius apareceu por aqui. Eu mostrei a casa para ele. E quando ele saiu, ele me disse: a casa é linda, mas não é multiplicável. Eu achei cômico uma grande bobagem da boca de um ser tão ilustre ... Não havia nada para multiplicar: o terreno é diferente, até a casa foi feita para terreno, ela se adapta ao terreno ... por que eu quero que seja multiplicado? Mas me pareceu engraçado porque eles sempre dizem bobagem ...

[ANFITRIÃ] As impressões de Gropius sobre a casa das Canoas foram uma afronta pessoal para Niemeyer, do qual ele nunca se recuperou. Agora, o alemão não foi o único que ousou criticá-lo: Ernesto Rogers, também júri da Bienal, chamou a casa de "confusão romântica". E Max Bill, um artista suíço formado na Bauhaus e vencedor do prêmio de escultura na primeira Bienal de São Paulo, visitou o Rio um ano antes e criticou profundamente o caráter pessoal das formas projetadas por Niemeyer, chamando-as de barroco excessivo e injustificado em pleno século XX. Mas a história da campanha pessoal de Bill contra a arquitetura dos cariocas é digna de uma novela brasileira, ou pelo menos de outro capítulo deste podcast.

[ARQUIVO DE ÁUDIO DE NIEMEYER PORTUGUÊS]

[DUBLAGEM DE NIEMEYER EM ESPANHOL] A Bauhaus era um paraíso da mediocridade, como Le Corbusier disse. O que aprendi com ele é que, na Bauhaus, você pegaria qualquer aparato, qualquer coisa, e que foi estabelecido como uma série de regras que eles eram forçados a seguir. Mas arquitetura não é nada disso: arquitetura é invenção.

[ANFITRIÃ] O rifirafe entre Gropius e Niemeyer foi crescendo ao longo dos anos: na prestigiosa revista britânica The Architectural Review, o primeiro se referiu a Niemeyer como Paradisvogel, ou seja, uma ave do paraíso, certamente fazendo alusão ao filme homônimo de 1932, no qual King Vidor interpreta Luana, uma mulher que encarna uma terra idílica e exótica, mas punitiva para os mortais. Ao melhor antropófaga... Mais tarde, Niemeyer devorou Gropius sim, mas no ponto da crítica, e não o regurgitou. Sobre a Bauhaus, ele disse que era uma "gangue de imbecis" que não estava interessada na forma, contanto que o quarto ficasse perto do banheiro ou a cozinha na sala de estar. Foi assim que o brasileiro se expressou em uma entrevista concedida em 2008, na tenra idade de 103 anos:

[DUBLAGEM DE NIEMEYER EM ESPANHOL] Ninguém nunca pensou na escola que construíram porque não tem interesse, ninguém nunca ouviu falar nela. E o chefe dos negócios, Walter Gropius, era um idiota absoluto. [...] Eles eram assim, sem brilho. Foi um momento que ameaçou a arquitetura, mas Le Corbusier e outros reagiram. Era uma época em que a estupidez queria entrar na arquitetura, mas foi reprimida.

[ANFITRIÃ]: Discutir quem foi o vencedor nessa luta, seja a Bauhaus ou os cariocas, talvez seja tão mal sucedido quanto perguntar o que veio primeiro: a galinha ou o ovo. Se

considerarmos que apenas um dos mestres da Bauhaus projetou um edifício em território brasileiro - o projeto não realizado de Mies van der

Rohe para o consulado americano em São Paulo - certamente teríamos que declarar os cariocas como vencedores incontestáveis. No entanto, o tempo provou que ambos estavam certos, uma vez que as obras de ambos foram declaradas como Patrimônio Mundial da UNESCO e eles continuam sendo visitados por milhares de visitantes todos os anos - bem, todos os anos, exceto 2020, por causa do distanciamento social.

[MÚSICA CLÁSSICA]

[ANFITRIÃ] Por fim, não se pode negar que Niemeyer exagerou ao afirmar que ninguém se lembrava da Bauhaus, já que as celebrações em nome de seu centenário demonstraram o contrário. De fato, as constantes alianças entre Niemeyer e artistas plásticos de alguma forma replicaram a aspiração da escola de design alemã de fazer do edifício uma obra de arte total. Os arquitetos de São Paulo também se encarregaram de reivindicar a passagem de Gropius por seu país, manchada pelo tratamento secundário que a imprensa do Rio deu à sua visita em comparação com a de outros visitantes ilustres, incluindo Le Corbusier. A experimentação alemã reverbera em projetos habitacionais imaginados por uma nova geração antropofágica, treinada na Universidade de São Paulo. Lá eles devoraram ensinamentos sobre pré-fabricação, produção serializada e racionalização de espaços para as famílias mais desfavorecidas, para as quais Niemeyer alegou trabalhar.

[CORTINA DE ENCERRAMENTO]

[ANFITRIÃ]: Este episódio foi escrito e produzido por mim, com base no diálogo com meus colegas César Peña e Virginia Gutiérrez no curso da investigação da Bauhaus Reverberada. A voz arquivística de Walter Gropius foi tirada da entrevista publicada no canal do YouTube da Boston Society for Architecture. A voz de Oscar Niemeyer foi extraída do documentário A Vida é um Sopro, dirigido por Fabiano Maciel. Sua tradução para o espanhol foi interpretada por Felipe Bottino. Vozes adicionais são de Ivo Giroto, William García e Márcio Reis. Os intervalos e efeitos musicais foram retirados da Coleção aberta da Biblioteca de áudio do YouTube e SoundBible [atribuição 3.0:

<http://soundbible.com/853-Typewriter-And-Bell.html>]. A música de abertura e encerramento é uma composição das Blue Dots Sessions e foi baixada do Free Music Archive sob uma licença Creative Commons. O podcast foi editado com o software Garageband da Apple. Agradecemos a Catalina Villabona, Andrea Amín e Alejandro Barragán, do escritório da ArqDis, pela divulgação deste podcast.

Para obter mais informações sobre as referências e o projeto Bauhaus Reverberada, consulte nosso site: arqdis.uniandes.edu.co/bauhaus-reverberada.

Se gostaram, não se esqueça de se inscrever no canal ArqDis Uniandes, curtir e compartilhá-lo em suas redes sociais com # Bauhaus100mas1.

Até a próxima!